



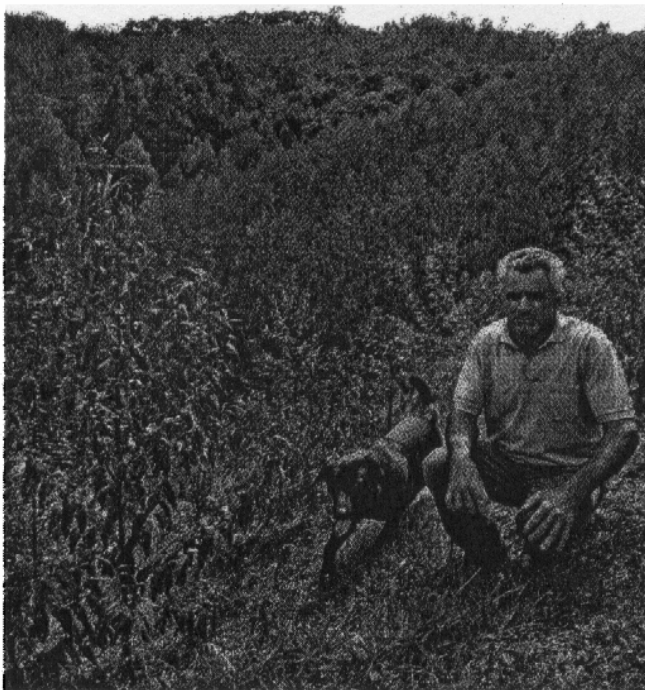
Leite com café e eucaliptos

Em uma área de apenas 6 hectares, Marques investe em várias frentes para manter-se e ainda planta árvores nativas

Outro produtor, Paulo Ferreira Marques, participa do projeto da Esalq há três anos. No Sítio Bom Sucesso, de 6 hectares, ele e a esposa, Rosa Filomena de Lima Marques, investiram no eucalipto, plantado em 4 hectares, e adotaram o pastejo rotacionado voisin. A renda com o eucalipto deve vir em seis anos. “Não dá para viver só de uma atividade. Com o eucalipto, é como se o dinheiro estivesse aplicado”, afirma.

Hoje, com 12 vacas, consegue produzir 30 litros de leite por dia, mas espera dobrar essa produção com a mudança de manejo no sítio. “Quero pelo menos chegar a produzir 60 litros de leite por dia”, afirma. Ele recorda que o pasto estava muito degradado e a total recuperação da área deve levar pelo menos dois anos. Marques também investiu no café, plantando 170 pés. “O café já está florindo e, na próxima chuva, deve começar a produzir”, diz.

“A diversificação é a única maneira de o pequeno produ-



INVESTIMENTO – “Eucalipto é capital aplicado”, diz Paulo Marques

tor sobreviver. Ter apenas uma cultura como fonte de renda os torna reféns do mercado”, diz Santos, da Esalq/USP. A ideia do projeto, segundo ele, é fazer com que o agricultor olhe a propriedade como um todo. “Aí surge a alternativa dos sistemas agroflorestais, que, com o componen-

te arbóreo, trazem o conceito da sustentabilidade. Com essa lógica da dinâmica natural, o produtor não precisa comprar mais tanto adubo, veneno e outros insumos. No pastejo rotacionado, por exemplo, esterco e urina do gado adubam o pasto”, explica. “O objetivo é valorizar a propriedade

com a construção de modelos de produção viáveis, com base científica e acompanhamento técnico.”

PRESERVAÇÃO

O projeto da Esalq caracteriza-se também por incentivar a preservação do ambiente. No Sítio Bom Sucesso, Paulo Marques plantou 300 mudas de árvores nativas e exóticas, que compõem uma área de preservação permanente (APP).

No pastejo rotacionado, Marques dividiu o pasto em 30 piquetes, com o objetivo de garantir alimento de boa qualidade ao rebanho. “Quando a vaca retorna ao primeiro piquete, já tem pasto bom.” O sistema voisin consiste na rotação de pastagens, em manejo intensivo, em piquetes de área reduzida (1 hectare ou menos), que são pastejados, sucessivamente, por diferentes categorias de animais, geralmente gado leiteiro, por períodos curtos, de um dia ou menos.

Marques explica que o projeto ajudou também a integrar os produtores da região. “Outro produtor, que já tinha adotado o pastejo rotacionado há mais tempo, me orientou”, conta Paulo Marques, referindo-se a Sebastião Francisco Moraes, produtor vizinho. ● F.V.

Em Joanópolis, agricultura é viável em pequenas áreas

Projeto leva à prática soluções para diversificar atividades de sítiantes, mantendo-os no campo e preservando o ambiente

Fernanda Yoneya

Ajudar a fixar pequenos produtores rurais em suas terras com foco na sustentabilidade. Este é o objetivo de um projeto conduzido há três anos em Joanópolis (SP), na Serra da Mantiqueira, pelo Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão em Educação e Conservação Ambiental, da Esalq/USP.

“O principal conceito do Projeto Experimental em Agrossilvicultura e Participação Social é que agricultura e ambiente não devem ser vistos isoladamente”, explica a pesquisadora Marina Guyot. Segundo ela, em Joanópolis, o traço comum da produção agrícola era a pecuária de leite pouco tecnificada como fonte de renda. O resultado disso é que muitos produtores estavam prestes a desistir da atividade e até a deixar suas propriedades. Após seis meses estudando a região, a equipe chamou os produtores interessados. “Cada produtor decidiu o que gostaria de fazer na propriedade”, explica.

ÁREAS EXPERIMENTAIS

Hoje, o projeto tem a participação de 8 famílias e envolve 12 áreas experimentais, com eucalipto, café, pastejo rotacionado, fruticultura e áreas de preservação. Assessorados por uma equipe de agrônomos, sociólogos, biólogos, engenheiros florestais e outros profissionais, os produtores vão a palestras, fazem cursos e trocam conhecimentos com outros produtores, diz o pesquisador João Dagoberto dos Santos.



OTÁVIO E FÁTIMA MARQUES – Lucro com hortaliças e café

O caso do casal produtor Neuza Maria Ribeiro da Silveira e Luiz Carlos Fernandes da Silveira, do Sítio São Francisco, de 60 hectares, é exemplar. Criadores de gado leiteiro há 30 anos, chegaram a ter 20 vacas produzindo 100 litros de leite por dia, mas a atividade única tornou-se inviável. “Pensei em ir embora, mas resolvi investir na produção de doces”, recorda Neuza. “Depois, como projeto, obtive meios para incrementar minha produção.”

Hoje, Neuza tem uma pequena cozinha industrial, onde prepara 1.500 quilos de doces de leite e de frutas por mês. “Meu marido traz, todos os dias, 60 litros de leite, de 15 vacas que temos no sítio.” Com uma funcionária, vende a produção em sachês e, em compotas para mercados da região e explora o turismo rural da Cachoeira dos Pretos, em Joanópolis.

O casal Silveira também plantou eucalipto, em 8 hecta-

res. “Não basta ter apenas uma galinha botando, é preciso que todas botem junto”, diz Neuza, que ainda vai investir no pastejo rotacionado e em áreas de preservação.

O casal Fátima Maria e Otávio Ferreira Marques está animado com os resultados da mu-

Doces, café, leite e eucalipto estão entre as alternativas

dança de manejo no sítio. Além da horta orgânica e do minhocário, instalados em 350 metros quadrados, Fátima conta que plantou mudas nativas e exóticas para compor uma área de preservação permanente. “Nunca tinha ouvido falar do nabo forrageiro, mas descobri que serve como adubo verde e recicla nutrientes

do solo”, conta. A ideia da horta surgiu depois que Fátima fez um curso de produção orgânica. “Estamos formando uma cooperativa para obter a certificação orgânica em grupo.”

CAFÉ E LEITE

No Sítio Nossa Senhora de Fátima, de 4,5 hectares, o leite também era a única fonte de renda. Hoje, quatro vacas ainda produzem 30 litros de leite/dia, mas há três anos o casal investiu no plantio de 2.500 pés de café, que iniciarão a produção em 2010. “O leite é para consumo próprio; o que sobra vai para laticínios”, diz Otávio.

O cafezal foi financiado pelo projeto, mas, gradativamente, os custos serão repassados ao produtor. “O objetivo é que o projeto, um dia, seja dos próprios produtores”, diz Marina. Segundo Santos, a ideia é fazer com que o produtor permaneça no campo, com dignidade. “O propósito é capacitar o produtor para ele não depender mais do projeto e atuar como difusor de conhecimento.”

O produtor Otávio Marques conta também que plantou 1.600 mudas de espécies nativas, para proteger a área de um rio que corta o sítio. “Fui a palestras e entendi que é possível permanecer no sítio e ter renda sem degradar o ambiente.” O cafezal é arborizado – técnica difundida por aliar ganhos ambientais e econômicos – com o plantio de árvores de interesse comercial. “Tenho árvores nativas e frutíferas, como bananeira e pessegueiro”, diz, destacando que fez curvas de nível na área para evitar erosão. “Construí uma fossa séptica, que fornece adubo para os pomares”, diz o casal, que já tem até um chalé para alugar, outra fonte de renda. ●